

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:**Texto I**

Na vivência da “sociedade do desempenho”, de Byung-Chul Han, os indivíduos não se submetem mais às instituições disciplinares. Emergem, portanto, como “empresários de si mesmos”, como sujeitos do desempenho e da produção. E aqui notamos outra distinção entre ambos os modelos sociais: se antes o indivíduo era condicionado por uma instância superior e exterior a ele, aqui emerge a subjetividade que se eleva a um nível particular de produção. Existe, com tudo isso, um estereótipo social cujo não enquadramento resulta no sujeito uma sensação depressiva de fracasso. Assim como em Foucault, o desejo da sociedade do desempenho é a maximização dos meios de produção, porém aqui, segundo Han, predomina a falsa noção de uma “liberdade coercitiva” que produz no sujeito uma “violência neuronal”. Essa noção não estava presente na sociedade disciplinar porque lá o indivíduo sofria uma disciplina exterior que o forçava trabalhar. Aqui, porém, livre dessa coerção, o indivíduo submete-se ao trabalho exaustivo que ele força para si: “o sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo”.

A violência neuronal, aqui apresentada e causa de inúmeras doenças, possui sua origem no excesso da positividade. Além disso, é o fator gerador de uma sociedade entendida por noções gerais de superprodução, superdesempenho e a supercomunicação. Com isso, há a caracterização da perda da alteridade, um dos principais problemas sociais do século XXI. Sendo assim, podemos dizer que ocorre uma massificação do positivo. Aqui, os sujeitos não são mais “sujeitos da obediência”, e sim sujeitos de si mesmos. Tudo é reduzido a trabalho. Essa caracterização é fundamental, pois o nosso autor destaca que “o sujeito do desempenho é mais rápido e produtivo do que o sujeito da obediência”.

[...] O problema reside no fato de haver na sociedade atual uma hiperatenção: “essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos”. Se, por um lado, existe essa atenção “multifocal”, por outro existe um sentimento ao qual o autor o ressignificará e o apresentará como o mecanismo substancial para a vida contemplativa: o “tédio”. Segundo o sul-coreano, é o tédio profundo que irá permitir a contemplação, o surgimento do descanso.

A noção de “tédio”, aqui, implica em uma capacidade do indivíduo de perceber que não consegue exercer todas as funções ao mesmo tempo. Podemos dizer, na visão do pensador sul-coreano, que a modernidade caminha para um “passivismo mortal” que acarreta a ausência do caráter contemplativo da vida.

[...] Vivendo em uma sociedade marcada pela coerção, cada indivíduo carrega consigo o seu campo de trabalho. Aqui destacamos, assim como a liberdade, uma autonomia marcada pela sua aparente forma de apresentação. O indivíduo ameaça cada dia mais a si mesmo. A marca do trabalho na atualidade, por exemplo, é a que somos, ao mesmo tempo, senhores e escravos, vítimas e agressores de nós mesmos. Trabalhamos cada dia mais e sem descanso ou momentos de lazer. A sociedade capitalista coloca no indivíduo um sentido de possuir cada vez mais. O consumismo desenfreado leva o homem a perder valores que davam para ele um retorno contemplativo. E o fundo que desencadeia tudo isso é, segundo Han, a absolutização da vida ativa e a perda da capacidade contemplativa.

Fonte: Revista Eletrônica da PUC RS. Autor: Allyson Pereira de Almeida

Texto II - Necessidade constante de bem-estar adoece as pessoas

Seguir a ditadura da felicidade de ter casa, sucesso profissional e curtidas nega a importância das frustrações

O que muita gente procura hoje são estados eufóricos, explica o filósofo e escritor Mário Sérgio Cortella, em um vídeo na internet. “A posse de bens materiais, de fato, produz uma felicidade rasa, momentânea, episódica, veloz, e aí a pessoa entra num processo obsessivo de imaginar que a ‘consumolatria’ – a posse contínua de coisas – é que vai deixá-la feliz, e isso, sim, leva a um estado de ansiedade constante”, diz.

Esse aparato de comandos que nos ordenam o tempo todo a viver melhor acaba por tentar negar e afastar sentimentos importantes para vida, como a angústia e a tristeza. “As pessoas não aceitam que você esteja triste. E as redes sociais pioram isso. Lá, todo mundo quer mostrar que está bem, que é feliz com tudo e que nada o afeta”, conta a estudante Livian Vieira, 16.

É como se estar triste equivallesse a adoecer, segundo a terapeuta do Instituto Luz Diamante Laura Conde Baeta. Ela trabalha desenvolvendo o despertar da consciência nas pessoas e diz que muitos pacientes têm medo de mostrar o que estão sentindo, com medo de não serem aceitos. “Estar triste é ruim e não pode, mas, na verdade, esse ‘não pode’ já é tristeza”, observa.

A própria tristeza tem sua importância, diz a terapeuta. “Deixar de vivê-la é negar a condição humana. No dia em que meu pai morreu, eu estava dirigindo sabendo que naquele momento eu estava triste, mas percebendo que, dentro de mim, minha felicidade não havia deixado de existir”, diz.

Culpa. No ensaio “The Happiness Industry” (“A Indústria da Felicidade”), o acadêmico britânico William Davies constatou que a situação se agravou a partir do momento em que se formou em torno dessa “imposição social” toda uma cadeia econômica para mensurar esse estado de plenitude tão almejado por todos.

O problema é que essa busca incessante gera a culpabilização do indivíduo por não se sentir completamente feliz. Com isso, nos consultórios se multiplicam os pacientes insatisfeitos por não alcançarem esse padrão, como se fosse a “chave” para a felicidade. Segundo a psicoterapeuta Solange Rolla, muitos já chegam para serem atendidos com quadros de adoecimento, como depressão e crises de ansiedade.

“O que essa cultura faz é um ‘estupro’ na nossa consciência. Querer que a gente encontre um ideal que está longe de ser real. Às vezes, a pessoa está angustiada porque não tem um ‘par perfeito’, não tem a saúde maravilhosa, não está realizada profissionalmente, gerando uma frustração que adoce”, afirma.

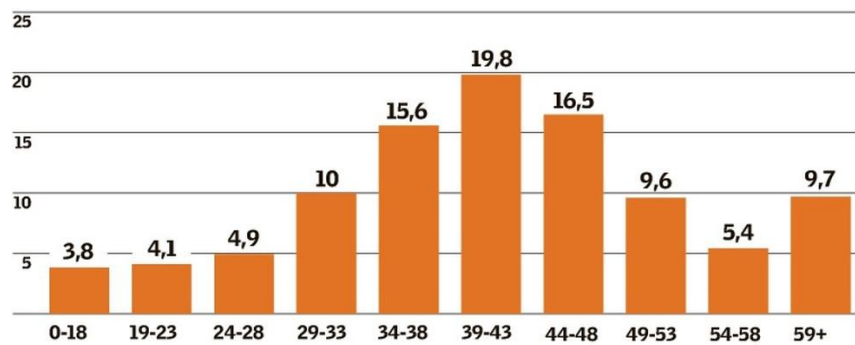
Expectativas. A filosofia, segundo Cortella, tem uma fórmula antiga que serve até de anedota: “Felicidade é igual realidade menos expectativas”. E complementa: “A felicidade é uma vibração intensa que você sente, uma vitalidade exuberante, mas ela não é um estado contínuo. São instantes, episódios em que você sente a vida te levar ao máximo. Vem daquilo que é essencial, amizade, lealdade, fraternidade, sexualidade e religiosidade”, ressalta.

Fonte: site O Tempo

Texto III

Prescrições em alta

Distribuição de medicamentos antidepressivos por faixa etária, em %



Fonte: “Levantamento consumo de medicamentos para saúde mental no Brasil”, com 196.677 funcionários de 250 empresas/Vidalink. 2024

Fonte: “Valor Econômico”

Texto IV



Fonte: TikTok

Texto V - Regras básicas de propaganda

Os medicamentos não são bens de consumo comuns, e sim, bens de saúde, por isso sua propaganda está sujeita a regras específicas.

Para o público em geral, só é permitida a publicidade de medicamentos de venda isenta de prescrição médica, ou seja, propagandas de medicamentos que não possuem tarja vermelha ou preta em suas embalagens. Os medicamentos que exigem prescrição médica (tarja vermelha ou pretas) só podem ser anunciados aos profissionais de saúde que podem receitar (médicos ou dentistas) ou dispensar (farmacêuticos) medicamentos.

Os medicamentos devem ser registrados na Anvisa para que possam ser comercializados e anunciados em propagandas.

Fonte: Anvisa

Texto VI - Final de semestre, excesso de atividades e tensão: saiba o que é o doping cognitivo

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Santa Catarina em 2020 descobriu que 16,7% dos estudantes de graduação e pós-graduação entrevistados utilizavam substâncias por acreditar que elas ajudam a estudar. Doping cognitivo ou psiquiatria cosmética são alguns dos termos utilizados para designar um fenômeno ainda pouco estudado pela ciência e cujas consequências também são desconhecidas.

De acordo com o professor do departamento de Farmacologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Tadeu Lemos, essas drogas são referidas como drogas da inteligência e potencializadores cognitivos. Os nootrópicos – termo usado pela primeira vez em 1972 – atuam sobre o sistema nervoso central e, em tese, não devem ser tóxicos e tem baixa incidência de efeitos colaterais.

Fonte: site de notícias UFSC

Texto VII

Check-up

Raul Seixas

Acabei de dar um check-up geral da situação
O que me levou a reler Alice no País das Maravilhas

Acabei de tomar meu quilindrox
Meu discomel e outras pílulas mais
Duas horas da manhã, recebo no peito um plect-plus 25
E vou dormir quase em paz

E a chuva promete não deixar vestígios

Solta os vestígios aí pra gente ver como é que fica aí

Acabei de dar um outro check-up geral da situação
O que levou a reler Alice no País das Maravilhas

Acabei de tomar meu quilindrox
Meu discomel e outras pílulas mais
Duas horas da manhã, recebo no peito um plect-plus 25
E vou dormir quase em paz

E a chuva promete não deixar vestígios
E a chuva promete não deixar vestígios

Fonte: Vagalume

PROPOSTA DE REDAÇÃO: A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**Psiquiatria cognitiva: uma responsabilidade individual ou um imperativo coletivo**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.